

John Bunyan

A SABEDORIA DO PEREGRINO

Tradução de
Francisco Silva Pereira

alma
dos
livros

I

Caros companheiros, eis-me aqui algum tempo volvido sobre a descrição que fiz do sonho que tive com Cristão, o peregrino, bem como da sua perigosa viagem ao País Celestial, descrição essa que muito me aprouve e a vós proveito trouxe. Conteí-vos também o que vi a respeito da sua mulher e filhos, e do pouco que estes se mostravam dispostos a acompanhá-lo em peregrinação, pelo que Cristão se viu forçado a prosseguir sem eles, pois não se via capaz de suportar o perigo cuja chegada receava se ficasse com a família na cidade da Destruição. Assim sendo, como então vos dei a saber, Cristão deixou-os e partiu.

Ora aconteceu que, por via de uma multiplicidade de coisas, me deparei com muitos entraves e dei por mim impedido de prosseguir com as minhas habituais viagens por aquelas partes onde ele andara, pelo que até agora não me fora possível fazer mais inquirições sobre aqueles que

ele deixara para trás, para assim vos apresentar um relato. Mas, tendo-me interessado recentemente pela questão, decidi lá voltar. Ora, tendo-me eu acomodado num bosque a cerca de quilómetro e meio daquele lugar, sonhei de novo enquanto dormia.

Neste meu sonho, eis que um cavalheiro idoso passou por onde eu estava e, uma vez que o seu destino devia situar-se algures ao longo do caminho que eu próprio seguia, decidi levantar-me e acompanhá-lo. Assim sendo, enquanto caminhávamos, como é costume fazerem os viajantes, começámos a conversar, e quis o acaso que a nossa conversa recaísse sobre Cristão e suas andanças, ao que perguntei ao velho homem:

– Sabeis, senhor, que cidade é aquela lá em baixo, à esquerda do nosso caminho?

– É a cidade da Destruição, lugar populoso, mas habitado por um tipo de gente muito malformada e ociosa – respondeu-me o senhor Sagacidade, pois que era esse o seu nome.

– Penso ser a cidade – disse-lhe eu – pela qual eu mesmo passei e, como tal, sei que o que me dizeis dela é verdadeiro.

– Bem verdadeiro, de facto; muito gostaria eu de falar verdade se melhor dissesse a respeito dos homens que ali vivem.

– Bem, caro senhor, percebo então que sois um homem bem-intencionado, alguém que tem gosto em ouvir e falar daquilo que é bom: ora, não tereis ouvido falar do que foi feito de um homem que há uns tempos viveu nessa cidade, de seu nome Cristão, e que partiu em peregrinação rumo às regiões superiores?

– Se ouvi falar dele! Sim, e ouvi igualmente falar das molestações, das dificuldades, das guerras, dos cativeiros, dos clamores e gemidos, dos sustos e medos que ele enfrentou na sua viagem. Além disso, devo dizer-vos, toda a nossa terra se lembra dele; não são poucas as casas que ouviram falar dele e dos seus feitos, tendo mesmo procurado registos da sua peregrinação. Sim, penso poder dizer que a sua perigosa viagem lhe granjeou muitos admiradores. Embora enquanto aqui viveu por todos fosse tido como louco, agora que se foi, todos o recomendam e lhe tecem elogios. Pois que se diz que ele vive muito bem onde agora está; sim, muitos daqueles que estão decididos a nunca correr os riscos que ele correu, não lhes deixa de crescer a água na boca ao pensar no que ele ganhou.

– Bem podem eles pensar – disse eu –, se é que conseguem pensar algo vero, que ele vive bem onde está agora, pois que se encontra na Fonte da Vida e tem o que tem sem labuta nem pesar, visto que lá não entra a tristeza.

– Pois! As gentes dizem coisas estranhas a respeito dele. Há quem diga que agora se veste de branco, que usa uma corrente de ouro ao pescoço, que traz na cabeça uma coroa de ouro encastoadada de pérolas. Outros dizem que os seres resplandecentes, que por vezes se lhe deram a ver durante a sua viagem, se tornaram seus companheiros, e que ele os conhece tão bem no lugar onde está como aqui um vizinho conhece o outro. Além disso, é dito com toda a certeza a seu respeito que o Rei do lugar onde ele agora reside lhe concedeu uma residência mui rica e aprazível na corte; que todos os dias ele come e bebe e passeia e conversa com o dito Rei; que é objeto dos sorrisos e favores daquele que por lá de tudo é juiz. Além disso, há quem

espere que esse Príncipe dele, o Senhor das ditas terras, em breve se desloque a estas partes e queira saber por que razão, se lha puderem apresentar, os seus vizinhos o tinham em tão fraca conta e tanto dele zombaram ao perceber que se queria tornar peregrino. Dizem que agora o seu Príncipe lhe tem a maior afeição e que este seu soberano está tão indignado com as torpezas lançadas sobre Cristão quando este se fez peregrino, que as verá a todas como se houvessem sido praticadas contra Ele mesmo; e isto não será de admirar, visto que foi pelo amor que tinha ao seu Príncipe que Cristão assim se aventurou.

II

— **O** uso afirmar que isso muito me alegra – disse eu. – Fico feliz por esse pobre homem, pois que agora encontra descanso dos seus labores e colhe com alegria o fruto das suas lágrimas; encontra-se, portanto, fora do alcance das armas dos seus inimigos e também daqueles que o odeiam. Alegro-me também ao ver que os rumores de tais coisas se espalham pela nossa terra: quem poderá dizer se não será benéfico para aqueles que ficaram para trás? Mas, por favor, senhor, enquanto a lembrança ainda está viva na minha mente, dizei-me: haveis ouvido alguma coisa a respeito da sua mulher e filhos? Pobres corações, pergunto para comigo o que será feito deles!

— Quem? Cristiana e seus filhos? É provável que estejam tão bem quanto o próprio Cristão, embora a princípio todos se tenham portado como tolos e de modo nenhum se deixassem persuadir pelas lágrimas nem pelas

súplicas de Cristão; não obstante, a reflexão fez por eles maravilhas, pois que fizeram as malas e também se foram atrás dele.

– Cada vez melhor! – exclamei. – Mas o quê!? Mulher e filhos e tudo o mais?

– É bem verdade; posso até contar-vos como tudo se passou, visto que estava presente na altura e conheço perfeitamente toda a questão.

– Nesse caso – disse eu –, poderei dizer que se trata da verdade?

– Nada tendes a temer se o afirmardes, pois que vos digo que todos eles se encontram em peregrinação, tanto a boa mulher como os seus quatro rapazes. E como, pelo que me é dado ver, vamos percorrer uma distância considerável juntos, posso apresentar-vos um relato de tudo o que se passou.

»Essa tal Cristiana – pois que foi esse o seu nome desde o dia em que ela e seus filhos se entregaram à vida de peregrino –, depois de o seu marido ter atravessado o rio, nada mais voltou a saber dele. Eis então que certos pensamentos começaram a dar voltas na sua mente. Primeiro, porque tinha perdido o marido e, como tal, o vínculo amoroso daquela relação havia-se rompido por completo entre eles.

– Sabei-lo vós bem – disse-me o Sr. Sagacidade – que a Natureza não deixa de inquietar os vivos com muitas e pesarasas cogitações a respeito da perda daqueles que nos são queridos.

Como tal, aquela perda do marido custou-lhe muitas lágrimas. Mas isso não foi tudo, pois Cristiana também começou a pensar se o seu comportamento impróprio para

com o marido não seria uma das causas de nunca mais o ter visto, de ele lhe ter sido tirado. E por conta disto lhe vieram à mente revoadas de lembranças, de todas as vezes em que agira de forma indelicada, antinatural e iníqua para com o seu querido marido, o que lhe começou a pesar na consciência e a deixou carregada de culpa. Trazia-a também muito quebrantada a recordação dos suspiros inquietos, das lágrimas salgadas e lamentos do marido, e de como ela endurecera o seu coração perante todos os seus rogos e ternos argumentos, dirigidos a ela e também aos seus filhos, para que o acompanhassem: sim, tudo o que Cristão lhe dissera ou fizera, quando ainda sentia nas costas o peso do seu fardo, voltava-lhe agora como um raio e rasgava-lhe o torvelinho que era o seu coração. Em especial aquele amargo grito dele, «Que hei de fazer para ser salvo?», ressoava-lhe nos ouvidos com a maior tristeza.

Enquanto caminhávamos, o senhor Sagacidade foi-me contando o que então se passara e que aqui, para vós, meus companheiros, com o rigor que me é possível em seguida transcrevo.

– Meus filhos – disse Cristiana –, estamos todos perdidos. Os meus pecados levaram-nos o vosso pai, que agora se foi; ter-nos-ia levado com ele, mas eu não quis ir e privei-vos também de o fazerdes.

Ao ouvir isto, os rapazes desfizeram-se em lágrimas e gritaram que queriam ir atrás dele.

– Oh! – exclamou Cristiana. – Quisera a sorte que tivéssemos ido com ele, estaríamos muito melhor do que agora, pois que antes eu tolamente pensava que as apoquentações do vosso pai se deviam a uma fantasia tola que ele tinha,

ou que era por causa delas que ele se via dominado por humores melancólicos. Agora não me sai da cabeça que a causa era outra: a Luz das Luzes fora-lhe dada e, graças a ela, como agora percebo, ele escapou às armadilhas da Morte.

Então, todos eles prantearam de novo e gritaram:

– Oh, maldito o dia!

Naquela noite, Cristiana teve um sonho, e eis que viu abrir-se diante dela um grande pergaminho, no qual se encontrava registado o rol dos seus atos, o que a levou a concluir que o seu destino se afigurava muito negro. Então, ela clamou bem alto no seu sonho:

«Senhor, tende misericórdia de mim, uma pecadora.»

E as crianças ouviram.

Em seguida, pareceu-lhe ver ao lado da sua cama duas pessoas medonhas de pé, que diziam:

«O que faremos com esta mulher? Ela clama por misericórdia acordada e a dormir. Se continuar nestes preparos, acabaremos por perdê-la como lhe perdemos o marido. Assim sendo, temos de encontrar maneira, seja ela qual for, de a impedir de pensar no que virá depois; caso contrário, nem o mundo inteiro conseguirá evitar que ela se torne uma peregrina.»

Ora, ela acordou coberta de suor e tomada de tremores; algum tempo depois, porém, voltou a cair no sono. Pareceu-lhe então ver Cristão, seu marido, num lugar de bem-aventurança e entre muitos imortais, com uma harpa na mão: estava de pé e tocava na presença de alguém que, sentado num trono, tinha a cabeça rodeada por um arco-íris. Pareceu-lhe também vê-lo curvar a cabeça com os olhos postos no pavimento sob os pés do Príncipe, isto ao mesmo tempo que dizia: